

Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional

Anna Maria Canavarro Benite
Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão (LPEQI), Instituto de Química, (UFG)

À guisa de introdução...

A investigação científica é um ato de construção, onde cada envolvido não é apenas mais um dado, uma mera informação, pelo contrário, contribui de maneira singular para o desenvolvimento de uma ou mais respostas adequadas ao problema suscitado pelo pesquisador. O desenvolvimento satisfatório de uma investigação científica está intimamente ligado ao compromisso assumido pelo investigador em relação ao objeto pesquisado (Lima, 2001). O desenvolvimento das pesquisas científicas na área da educação é, ainda, um processo embrionário e em construção, muito se tem a caminhar (Demo, 1995; Gatti, 2001, 2002; Nardi, 2007).

No cenário brasileiro, o crescimento das pesquisas na área de educação se deu a partir de 1970, quando foram criados e se expandiram os cursos de Pós-Graduação. Estas pesquisas que, de forma geral, visavam à formação de recursos humanos para a docência e a investigação qualificada viram seus resultados se avolumando em Dissertações de Mestrado e em Teses de Doutorado que constituem, concretamente, a prova viva da elaboração sistemática dos conhecimentos no campo da educação. Este fato reflete o desenvolvimento da pós-graduação nacional, respondendo tanto pela qualidade da formação como pela promoção de práticas e saberes científicos relevantes ao progresso educacional, econômico e social do País. São exemplos desse desenvolvimento a criação de programas nacionais estratégicos, tais como: institutos do milênio e de fundos setoriais de desenvolvimento científico e tecnológico.

Neste contexto, órgãos governamentais brasileiros de fomento à produção científica, tais como, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs), vêm alocando substanciais recursos para a manutenção de programas de pós-graduação e financiando a realização de pesquisas que se traduzem na defesa de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, e, em número bem menor, no registro de patentes.

Os sucessos alcançados pelo país na pós-graduação tem sido motivo de orgulho tanto para a academia brasileira como para as autoridades públicas. Os números que descrevem esse sistema são impressionantes: no ano de 2002, mais de 61 mil estudantes estavam matriculados em programas de mestrado no Brasil e outros 34.800 eram alunos de programas de doutorado. Neste ano, o Brasil titulóu 23 mil mestres e 6.800 doutores conforme a tabela 1. Em 2003, a Capes investiu quase R\$ 450 milhões (81% do

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação
ISSN: 1681-5653

n.º 50/4 – 25 de septiembre de 2009

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)



orçamento total) para pagamento de bolsas, num universo de 1.752 programas e 106 mil estudantes. Também no ano de 2003 foram produzidas, no país, 25.979 dissertações de mestrado e 8.094 teses de doutorado.

TABELA 1
A pós-graduação no Brasil: estudantes matriculados e graduados
por área de conhecimento e nível, 2002

	Mestrados (%)	Mestrados (%)	Doutorados (%)	Doutorados (%)
	Matrículas	Graduados	Matrículas	Graduados
Ciências Exatas e da Terra	9,5	9,5	12,6	10,5
Ciências Biológicas	6,9	7,7	1,26	13,1
Engenharia	15,5	12,3	15,4	11,6
Ciências da Saúde	13,3	14,2	14,5	20,7
Ciências Agrárias	8,7	10,1	10,7	11,5
Ciências Sociais Aplicadas	18,0	17,4	9,1	9,0
Humanidades	17,6	18,3	17,7	16,6
Linguística, letras e artes	6,8	6,5	5,8	5,7
Multidisciplinares	3,7	3,5	1,6	1,1
Total	61.383	22.735	34.801	5.843

FONTE: CAPES, Coordenadoria de Estudos e Divulgação Científica.

A despeito de todo este sucesso, os desafios que se colocam para esse nível de formação são imensos e o fator crucial é a busca da qualidade. Desta forma, fixar padrões de qualidade da pesquisa significa legitimar objetos de estudo e posicionamentos teórico-metodológicos, valorizando determinados padrões de publicação e de interação com a comunidade internacional (Coutinho, 1996).

Na produção do conhecimento científico faz-se necessário utilizar métodos e técnicas eficazes para se conquistar os objetivos da pesquisa. E para a escolha de métodos e técnicas é imprescindível contar com a orientação de concepções teóricas, paradigmas ou matrizes epistêmicas que as oriente (Borges e Dalberio, 2007). O método varia de acordo com as posturas do sujeito investigador. Porém, existem múltiplas relações que interferem nos resultados das pesquisas, por isso, não é possível “*explicar os métodos por si mesmos sem levar em conta os contextos teóricos e as condições histórico-sociais da produção destes e da pesquisa*” (Gamboa, 1996, p. 62).

Desta forma, discutir os paradigmas de interpretação da realidade e suas contribuições para o processo educacional — tarefa filosófica para educadores em formação nos cursos de pós-graduação — exige a localização da relação sujeito-objeto como a questão central. A história da filosofia tem demonstrado ser esta preocupação um dos principais problemas da filosofia (Gramsci, 1991; Oizemann,

1973). Compreender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com “*as coisas*”, com a natureza, com a vida.

É inquestionável a importância da pesquisa científica em todos os ramos do conhecimento e, por conseguinte, a sua aplicação e/ou reflexão perante a busca da verdade como processo e essa busca caracteriza-se como a finalidade da própria pesquisa científica. A este respeito, Garz declara:

A verdade como uma meta da pesquisa científica não é mais absoluta como era, segundo a lógica positivista, nem é uma abordagem cumulativa da verdade concebida, como é o caso do ‘racionalismo crítico’ de Popper (verossimilhança). Ao contrário, a verdade é relativa em relação ao paradigma básico, explícito ou implícito, a ser aplicado. Neste contexto, a ênfase recai sobre o processo da pesquisa [...] (Garz, 1993, p.158-159).

Pereira (1995), corroborando com Garz, acredita que o conhecimento científico não se reduz à descoberta da verdade “*absoluta*”, “*mas sim em um processo de interpretação da mesma*” que vai tomando forma ao mesmo tempo em que transforma o conteúdo das “*verdades relativas*” em conhecimento concreto, sempre em vias de superação e pautado pela linha diretriz do rigor epistemológico. Por sua vez, Santos declara que a orientação epistemológica do pesquisador tem como objetivo a apreensão do conhecimento em seu movimento, intrinsecamente ligado ao “*espírito científico que se define pela criação e produção de noções e conceitos¹ capazes de construir verdades relativas, mediante um procedimento de incessante aproximação da verdade dos processos, dos detalhes e dos sonhos que constroem o social*” (Santos, 1991, p.58).

Este aspecto, central em todas as ciências, pode ser compreendido a partir de diferentes abordagens. A dialética pode ser uma delas, assim como, mais especificamente, o materialismo histórico-dialético ou a dialética marxista (Pires, 1997). Todavia, como decidir sobre qual abordagem ou matriz epistêmica adotar para a orientação das pesquisas educacionais? Qual delas seria mais eficiente ou apropriada? Antes de realizar uma opção é preciso conhecer as diferentes abordagens. Assumidos estes pressupostos, este trabalho objetiva estabelecer uma breve discussão sobre os eixos entre a ciência, a epistemologia e a pesquisa educacional sob o enfoque do materialismo histórico dialético intencionando colaborar para desvendar e contextualizar este enfoque epistemológico da pesquisa educacional.

O materialismo histórico dialético como possibilidade teórica, isto é, como instrumento lógico de interpretação da realidade, contém em sua essencialidade lógica a dialética, e neste sentido aponta um caminho epistemológico para a referida interpretação. A negação deste caminho, portanto, representa a descaracterização de uma efetiva compreensão acerca da epistemologia *marxiana* (Frigotto, 1997).

[...] Ouvimos dizer frequentemente que Marx tinha um método, que esse método se situa em algum ponto na razão dialética, e que isso constitui a essência do marxismo. É, portanto, estranho que, apesar de muitas alusões e várias declarações de intenções, Marx nunca tenha escrito essa essência. (...) Podemos concluir, portanto, que não foi escrito porque não podia ser escrito (...) Porque não se trata de um método, mas de uma prática, e uma prática aprendida praticando-se. De modo que nesse sentido a dialética nunca pode ser

¹ Apoiamo-nos na definição de conceito, segundo Severino, como “*imagem mental por meio da qual se representa um objeto, sinal imediato do objeto representado*” (Severino, 1996, p.152). O conceito garante uma referência direta ao objeto real. Esta referência é dita intencional no sentido de que o conceito adquirido por processos especiais de apreensão das coisas pelo intelecto..., se refere à coisa, de maneira representativa e substitutiva. Esse objeto passa então a existir para a inteligência, passa a ser pensado. Portanto, o “conceito representa e substitui a coisa no nível da inteligência”, acrescentando e transformando a realidade concreta.

registrada, nem aprendida de cor. Ela só pode ser assimilada pelo aprendizado crítico dentro da própria prática. (Thompson, 1987, p.129)

Existem vários empregos para o termo método. O mais conhecido é aquele que o toma a partir de sua raiz etimológica (do latim *methodu*) para expressar a ideia de caminho. Caminho ou conjunto de procedimentos que conduziria a uma meta ou a uma verdade para assumir o status de garantia dessa verdade, especialmente da verdade produzida pela ciência (Paschoal, 2001).

Ao se tomar essa acepção basilar do termo método há que se reconhecer um problema e um limite que ela possui. *O problema*: apresenta uma explícita separação entre fins e meios; entre conhecer o fenômeno e sua explicitação; *o limite*: sua aplicação está fortemente ligada àquele tipo de pesquisa que procede por hipótese e verificação (empírica ou positivista), muito próprio das ciências naturais.

Considerando agora apenas algumas necessidades próprias à pesquisa e produção de textos em Educação (realidade social), onde não se pode dissociar o fenômeno de sua explicitação, concorda-se com Goldschmidt que afirma:

“[...] postura (concepção da realidade) e método, com efeito, não são elementos separados. O método se encontra em ato nos próprios movimentos do pensamento filosófico, e a principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel desse pensamento que inventa teses, praticando um método” (Goldschmidt, 1970, p. 141).

Assumido este pressuposto, a opção por uma matriz epistêmica passa a se configurar como uma decisão tão importante quanto a escolha do objeto da pesquisa (Paschoal, 2001).

Faz-se necessário discorrer brevemente sobre a distinção, fundamental na tradição em pauta e objeto de muita polêmica, entre o *materialismo histórico* (Marx) e o *materialismo dialético* (Hegel); o amálgama entre as duas concepções será desta forma, introduzido.

Do idealismo hegeliano

A dialética, palavra de etimologia grega, que significa *diá= por causa de*, ou seja, ideia de intercâmbio + *lexiko = preparado à palavra* resulta numa unidade ou consenso de posições anteriormente antagônicas, no entanto susceptíveis de novos e possíveis contrapontos.

A dialética (*diá-logos*), palavra e pensamento divididos em polos contrários, ou seja, a história como processo temporal movido internamente pelas contradições e cujo sujeito é espírito como reflexão, se constituiu no pensamento *hegeliano* que pode ser grosseiramente, segundo Chauí (2006), resumido em seus aspectos básicos (Hegel, 1996):

a) trabalho filosófico para compreender a origem e o sentido da realidade como cultura. A cultura representa, aqui, as relações dos homens com a natureza pelo desejo, trabalho e pela linguagem: as instituições sociais, o estado, a religião, a ciência são exemplos disto. É o real enquanto manifestação do espírito. Segundo Hegel não é dizer que o espírito simplesmente produz cultura, mas sim, ele é cultura, pois existe encarnado nela.

- b) trabalho filosófico que define o real pela cultura e pelos movimentos de exteriorização e de interiorização do espírito, ou seja, o espírito manifesta-se nas obras que produz. Este movimento representa a exteriorização, e quando sabe ou reconhece que é o produtor delas, interioriza. Este movimento significa compreender essas obras porque sabe que elas são ele próprio. Por isso o real é histórico; não tem história, nem está na história.
- c) trabalho filosófico que revolucionou o conceito de história por motivos básicos:
- Não pensa a história como sucessão contínua de fatos no tempo, senão um movimento dotado de força interna, criador de acontecimentos;
 - Não pensa a história como causa e efeito, mas como processo dotado de força ou motor interno que produz os acontecimentos: a contradição². A contradição tem motor temporal, não existe como fato dado no mundo, é produzida.
 - Não pensa a história como sucessão de fatos dispersos a serem unificados pelo historiador, mas como processo contraditório unificado em si mesmo, compreensível e racional. Hegel afirma que o real é racional e o racional é real.
- d) concebe a história como história do espírito. A história, então, é o movimento pelo qual o que o espírito é em si, ou seja, suas obras culturais; se estabelece no que o espírito é para si, isto é, a compreensão das obras como suas realizações.
- e) entende a história como reflexão, ou seja, a volta para si mesmo. O espírito sai, cria a cultura e volta num movimento de reconhecimento de sua obra.
- f) quer dar conta da alienação³.
- g) trabalho que diferencia imediato de mediato; abstrato de concreto; aparência e ser; termos contraditórios, e sua síntese é efetuada pelo espírito. Hegel denomina essa síntese de conceito.

A dialética de Hegel é idealista porque seu sujeito é o espírito e seu objeto, também. A cultura que representa as obras do espírito são ideias, pois um espírito não produz nem é uma coisa, senão ideia⁴.

A concepção marxista: o materialismo histórico dialético (mhd).

Marx concebe a história como um conhecimento dialético e materialista da realidade social. Entre as várias fontes dessa concepção encontra-se a filosofia *hegeliana* descrita anteriormente, ainda que não em seus pormenores, criticada por Marx, mas conservada por ele em seus aspectos essenciais. Da concepção *hegeliana*, Marx conservou:

² A relação Contradição x Oposição, segundo Adorno e Horkheimer (1985): na oposição existem dois termos, cada qual dotado de suas próprias características que se opõem por algum motivo quando se encontram. Assim, podem ser definidos separadamente e entendidos, quer haja ou não, oposição. Já a contradição só existe numa relação e quando há nesta a negação interna, ou seja, A é A e não-A ao mesmo tempo (ex. o proletário = não burguês; o burguês = não proletário e ambos só existem na relação).

³ Segundo Althusser, Balibar e Establet (1980), a alienação reflete a situação de quando o sujeito não se reconhece como sujeito da história e toma as suas obras e sua história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem.

⁴ Ex: Direito e Moral. Os interesses do proprietário – sujeito livre de direitos estão em conflito com os deveres do sujeito moral: apropriar-se do outro.

- O conceito de dialética como movimento interno de produção da realidade, cujo motor é a contradição. Porém, não do espírito consigo mesmo (exteriorização/interiorização). Na concepção Marxista a contradição se estabelece entre homens reais em condições históricas e sociais reais e chama-se luta de classes.
- As diferenças entre abstrato e concreto, imediato e mediato, aparecer e ser. Marx defende o concreto como “unidade do diverso” ou “síntese de múltiplas determinações”. Deve-se entender o conceito de determinação não como sinônimo de conjunto de propriedades, mas como os resultados que constituem uma realidade no processo pela qual ela é produzida. Conjunto de propriedades e características pressupõe um objeto acabado e dado, já as determinações pressupõem uma realidade como processo temporal⁵.
- A afirmação de que a realidade é história e por isso reflexiva. Mas a dialética marxista não é espiritualista ou idealista e sim materialista. Aqui cabe estabelecer um contraponto. Para as ciências naturais a matéria é algo inerte, constituída por relações mecânicas de causa e efeito. Porém, Marx se localiza enquanto referencial das ciências sociais e para esta a matéria é matéria social, ou seja, as relações sociais entendidas como relações de produção, modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições materiais de existência e o modo como pensam e interpretam essas relações.

O objeto da dialética materialista é o mundo objetivo e sua interrelação entre o pensamento e o ser. Assim, para Engels a dialética materialista é “*como ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano*” (Engels *apud* Kopyn, 1978, p.47). Eis o porquê, segundo Kopyn, de o marxismo relacionar sujeito e objeto numa:

[...] base real em que eles são unificados na história; a dialética subjetiva é o mesmo movimento objetivo, só que sob uma forma de sua existência na natureza. Ademais, subentende-se por dialética subjetiva não só o movimento do pensamento, mas também a atividade histórica do homem em seu conjunto, incluindo o processo do pensamento (Kopyn, 1978, p. 51).

Ainda segundo Marx e Engels a matéria ou o materialismo são “*todos os fenômenos, coisas e processos que existem independentemente da consciência do homem*” (Kopyn, 1978, p.60).

Assim, a dialética materialista não é uma instância verificada do conhecimento obtido, mas, meio e método de transformação do conhecimento real por meio da análise crítica do material factual, concreto, um modo de análise concreta do objeto real, dos fatos reais. Concorda-se com Kosik, que diz:

A dialética trata da “*coisa em si*”. Mas a “*coisa em si*” não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão, é necessário fazer não só certo esforço, mas também um *détour*. Por este motivo o pensamento dialético distingue entre a representação e conceito da coisa, com isso não pretendemos distinguir apenas duas formas e dois graus de conhecimento da realidade, mas especialmente e, sobretudo, duas qualidades da práxis humana (Kosik, 1969, p.9).

⁵ Ainda segundo Chauvi um bom exemplo para o entendimento do conceito de “síntese de múltiplas determinações” se constitui numa análise da forma mais simples do modo de produção capitalista: a mercadoria. Uma análise mais profunda segundo este pressuposto marxista revelará que há mais mercadorias do que supúnhamos à primeira vista, pois um elemento fundamental, o trabalhador, que aparece como ser humano é na verdade também mercadoria neste modo de produção já que ele vende no mercado sua força de trabalho.

Desta forma, é importante reconhecer que a atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, mas a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses dentro de um determinado conjunto de relações sociais (Habermas, 2006).

Assim é a existência real: formas fenomênicas da realidade se reproduzem na mente daqueles que realizam uma determinada práxis histórica. Porém, estas são diferentes e absolutamente contraditórias com a lei do fenômeno, com a estrutura da coisa, seu núcleo interno essencial, o conceito (Hook, 1974).

[...] o fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças a seu contrário. [...] a essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno e assim revela seu movimento e demonstra que não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno. (Kosik, 1969, p.11).

“O Capital” de Marx (1998) é construído metodologicamente sobre a distinção entre a falsa consciência e a compreensão do real da coisa, de modo que as categorias principais da compreensão conceitual da realidade investigada se apresentam aos pares segundo a Tabela 2.

TABELA 2

Os pares que representam as principais categorias da compreensão da realidade segundo Marx, 1998, para além da pseudoconcreticidade.

FENÔMENO	ESSÊNCIA
Mundo da aparência	Mundo real
Aparência externa dos fenômenos	Lei dos fenômenos
Existência positiva	Núcleo interno, essencial, oculto
Movimento visível	Movimento real interno
Representação	Conceito
Falsa consciência	Consciência real
Ideologia: sistematização doutrinária das representações.	Teoria, ciência

O MHD é o pensamento crítico que se propõe compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade. Por isso é o oposto da sistematização doutrinária ou da romantização das representações comuns (Kosik, 1969; Marx, 1977). O MHD não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, enfim, todo o conjunto de mundo material reificado como algo originário e independente.

De acordo com Luckács (1970) a reificação (do latim, que significa coisa) pode ser entendida a partir de uma análise do modo de produção capitalista onde os homens são transformados em coisas e as coisas em gente. O trabalhador passa a ser uma coisa chamada força de trabalho que recebe outra coisa chamada salário. Por sua vez, o proprietário das condições e dos produtos do trabalho passa a ser uma coisa chamada capital que possui outra coisa: a capacidade de ter lucros. Desaparecem os seres humanos ou existem sob forma de coisas.

Em contrapartida as coisas produzidas e as relações entre elas, tais como produção, distribuição, comercialização e investimento, humanizam-se e passam a ter relações sociais. Todas essas atividades econômicas começam a funcionar e a operar sozinhas, independentes dos homens que as realizam. Esses se tornam instrumentos delas.

Concorda-se com Walhens que "*o marxismo é um esforço para ler, por trás da pseudo-imediaticidade do mundo econômico reificado, as relações inter-humanas que o edificam e se dissimulam por trás de sua obra*" (Walhens *apud* Husserl, 1959, p.127). A consideração de um autor não marxista se revela aqui como um testemunho da problemática filosófica do século XX, da qual se pode destacar: a crise da relação espaço/tempo com base no espaço geométrico euclidiano, constituindo-se, então, o espaço universalizado que é uma aproximação; crise nos fundamentos da Matemática (surgimento de outras geometrias); Freud e o superego e a instauração das Ciências Humanas.

Caracterizando a investigação no materialismo histórico dialético

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho é que pode descrever adequadamente o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori. (Marx, 1998, p.16)

Assumir o MHD enquanto pressuposto epistemológico que orienta a investigação implica entender que este é atributo da realidade e não do pensamento. No campo das ciências humanas e sociais, especificamente na pesquisa educacional, isso aponta o caráter sincrônico e diacrônico dos fatos, a relação sujeito-objeto, ou seja, o caráter histórico dos objetos investigados (Kosik, 1969).

Para o MHD importa descobrir as leis dos fenômenos pesquisados, ou seja:

[...] importa não apenas a lei que os rege, enquanto tem forma definida e os liga à relação observada em dado período histórico. O mais importante de tudo é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, ou seja, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra (Marx, 1998, p.26).

Marx distingue sua concepção de investigação da realidade, formalmente, enquanto método de pesquisa e método de exposição. Cabe esclarecer que por método de pesquisa (ou apropriação em pormenor da realidade estudada) se define a análise que evidenciará as relações internas de cada elemento em si: as leis particulares que regem o início, o desenvolvimento e o término de cada objeto investigado ou fenômeno (Marx, 1989).

O método de exposição (ou reconstituição) é a síntese do objeto ou fenômeno estudado, como um processo inverso (oposto) ao primeiro, de tal forma que se imagine que foi construído *a priori* (Marx e Engels, 1993). O método de exposição se constitui no desdobramento das antíteses, é na exposição que o objeto desvela-se gradativamente conforme suas peculiaridades. É, pois, a exposição, consequência de uma pesquisa sobre as formas de desenvolvimento e das conexões existente as peculiaridades do fenômeno (Marx, 1998).

Na investigação, segundo o pressuposto do MHD, o objeto deverá apresentar-se apreendido em sua totalidade, do específico, do singular e do particular. Assim, cabe a elucidação de dois movimentos que são essenciais:

- *captar o fenômeno* de uma determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno e como, ao mesmo tempo, nele se esconde;
- *compreender o fenômeno* é atingir a essência. Sem fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível.

Como a essência, ao contrário dos fenômenos, não se manifesta diretamente, e o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, urge a existência da ciência e da filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis. Neste sentido, Marx enuncia que “... se os homens apreendessem imediatamente as conexões, para que serviria a ciência?” (Marx, 1998, v. I p.228). E, que “toda ciência seria supérflua se a forma fenomênica e a essência coincidissem diretamente” (Marx, 1998, v. I p.259).

No tocante ao conhecimento, cabe enunciar que o MHD não atinge o pensamento de fora para dentro, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O conceito e a abstração numa concepção dialética têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa (Habermas, 1982).

O método de investigação se articula em três graus (Kosik, 1969):

- minuciosa apropriação da matéria com pleno domínio material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis disponíveis.
- análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material;
- investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento.

Enquanto tendência de pesquisa o MHD surge como opção entre a pesquisa empírico-analítica (positivista) e a fenomenologia, apropriando-se no nível de nova síntese de algumas categorias destas duas abordagens (Gamboa, 1996). E, tem se firmado enquanto movimento tríplice que se institui como concepção ou postura; investigação propriamente dita e práxis. É este movimento que propicia a crítica, a construção de conhecimento novo e uma nova síntese no plano do conhecimento e da ação (Frigotto, 1997).

Enquanto movimento de concepção ou postura o MHD se institui como concepção de mundo, de realidade e de vida no seu conjunto. Assim, antecede o método de investigação uma vez que este se constitui em uma espécie de mediação no processo de apreender, revelar, expor as estruturas de desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais, significando um rompimento com o pensar da ideologia dominante.

Enquanto investigação caracteriza-se como instância que busca revelar as leis dos processos que se passam no mundo exterior, as quais não dependem apenas do pensamento, mas também de leis específicas e reais.

Faz-se necessário ressaltar que, no marxismo, a práxis (*do grego: ação*) designa o conjunto de relações de produção e trabalho que constituem a estrutura social e a ação transformadora que a humanidade deve exercer sobre elas. Desta forma, pode se compreender a última instituição que enuncia o movimento tríplice que caracteriza o MHD enquanto tendência em pesquisa.

Os fundamentos descritos nesta enunciação estão enraizados, segundo Marx e Engels no modo de produção da existência:

Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material [...]. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto o que eles produzem quanto a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (Marx e Engels, 1993, p.13).

Assim, enquanto método de investigação é na prática que os homens devem demonstrar a veracidade do pensamento, pois o critério de verdade da teoria está no seu caráter prático. Desta forma, o conhecimento produzido através da compreensão da totalidade do fenômeno investigado deve apresentar elementos que contribuam para a compreensão e intervenção no real, efetivando, assim, o seu caráter prático. É através da articulação entre reflexão teórica e inserções empíricas que se é capaz de recolher a matéria em suas múltiplas dimensões (Frigotto, 1997).

De outro modo, enquanto práxis o MHD, assumindo o pressuposto que teoria é indissociável da prática, instaura-se como movimento crítico de desenvolvimento de conhecimento crítico que visa a alteração e transformação da realidade investigada (tanto no plano do conhecimento, quanto no plano histórico-social). Desta forma, a reflexão teórica sobre a pseudoconcreticidade investigada deve gerar ação transformadora. De fatos empíricos e reais a leis fundamentais, ao concreto de fato. Para Marx, a práxis é ação refletida e, assim, critério de verdade (Adorno, 2002).

O MHD como forma de apreensão e transformação da realidade educacional: sobre marxismo e fenomenologia

Sob este enfoque se constitui como ponto de partida e ponto de chegada o trabalho pedagógico, que é entendido em seus componentes: a formação do profissional da educação, o conhecimento de sua realidade concreta, a apreensão da totalidade do objeto de estudo (educação e escola) e a compreensão de seus determinantes históricos. Neste âmbito, o processo de formação do profissional da educação é assumido como movimento contínuo em constante transformação.

Tendo em vista este pressuposto, concorda-se com Gadotti que *"a educação é um processo contraditório (unidade e oposição), uma totalidade de ação e reflexão, o ato educativo realiza-se numa tensão dialética liberdade e necessidade"* (Gadotti, 2001, p.79).

O MHD enquanto postura que antecede a investigação propõe conhecer e intervir. Enquanto método de investigação pode ser grosseiramente descrito em algumas etapas para orientação de futuros pesquisadores em educação. Cabe aqui ressaltar que estas etapas não são fixas, ou seja, não existe um formato único de desenvolvimento, não devem ser cumpridas como passos⁶. Podem e devem ser revisitadas a durante todo o desenvolvimento da investigação, pois constituem um processo de adaptação a cada situação de investigação (os recursos, as limitações, o contexto sociopolítico, etc.), isto é, um movimento dinâmico.

Sobre o Tema de investigação, ou seja, *da pergunta que se faz*. Que “coisa é a coisa em si”? E como chegar à coisa? – Esta pergunta emerge do modo de apropriação da realidade do pesquisador e opera a partir de uma realidade de relações já interpretadas em sua historicidade.

Não é possível compreender imediatamente a estrutura da “coisa” ou da “coisa em si”, mediante a contemplação ou mera reflexão, mas sim mediante certa atividade.

Levantamento Bibliográfico – esta etapa busca a compreensão acerca do tema, pois o pesquisador deve olhar as ações e criar situações onde as ações possam ocorrer. Assim, compreender o tema direciona ações e expressões.

Análise da atividade mediante a qual o fenômeno é compreendido (a essência do fenômeno ou sua lei geral) – esta análise, ao mesmo tempo, deve incluir também o problema da criação da atividade que estabelece o acesso à “coisa em si mesma”. Esta atividade pode ser descrita como os vários aspectos ou modos de apropriação do mundo pelos homens.

Os problemas estudados pela fenomenologia, sob a denominação de “intencionalidade” (intenção significativa para alguma coisa ou atividade), foram justificados por Marx (sobre os pressupostos materialistas) como diversos aspectos de apropriação do mundo pelos homens: o prático-espiritual, o teórico, o artístico, o religioso, mas também o matemático, físico, etc. (Kosik, 1969) Portanto, não é possível apropriar-se, tampouco compreender a química e a realidade que a química nos introduz, mediante uma intencionalidade não correspondente à realidade química, como por exemplo, mediante a percepção artística.

Coleta de Dados – (Descrição das leis dos fenômenos): significa descrever literalmente o que fez; como fez; porque fez. Nunca a descrição deve ser acompanhada de interpretação, explicação ou juízo de valor emitido pelo pesquisador.

Análise dos Dados – Contempla a explicitação de toda a fala dos sujeitos da pesquisa, admitindo não haver a separação sujeito-objeto de pesquisa e, assim, desta explicitação são extraídas as interlocuções com as quais o sujeito intervém no mundo podendo surgir às categorias de análise.

Para orientar os futuros pesquisadores passa-se a discorrer, brevemente, sobre duas técnicas de análise de dados: a Análise do Discurso (AD) e a Análise do Conteúdo (AC).

⁶ Passos - quando uma etapa se encerra a outra começa, seguem uma ordem pré-estabelecida.

A Análise do Discurso representa uma ferramenta para trabalhar com produções textuais (orais ou escritas), e se remete a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias em que não faltam relações de sentidos, mas também de forças, por sua relação com o poder (Orlandi, 1988). Nesta perspectiva, a AD pode ser considerada de acordo com Orlandi, como fato social “*a língua como fato e significado social, ligando língua, exterioridade, e ideologia*” (Orlandi, 1999, p.62) em consonância com o MHD.

A AD busca explorar como se produz o discurso no texto que se insere. Ainda, segundo o autor, “*como este texto significa?*” (Orlandi, 1999, p17) que focaliza as condições de produção do texto. De acordo com Habermas (1987), “exige um olhar externo, ou seja, supõe uma teoria previamente escolhida, não construída a partir da própria pesquisa”. Uma perspectiva crítica de algum modo pressupõe um referencial teórico cuja origem é externa ao fenômeno sob exame. Para ele está é crítica e transformadora.

Para utilizar esta técnica de análise de dados é necessário que o instrumento de coleta de dados seja a gravação em áudio e vídeo.

Por sua vez, a Análise do Conteúdo é uma técnica adaptável a um campo vasto das comunicações, que analisa os significados através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo e tem por finalidade a interpretação desta mensagem, trata-se, portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Apelar para este instrumento de investigação laboriosa de documentos situa-se ao lado daqueles que [...] querem dizer não à “*ilusão da transparência dos fatos sociais*”, recusando ou tentando se afastar dos perigos da compreensão espontânea (BARDIN, 2002, p.30).

A AC representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações baseadas em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, em descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias. Desta maneira, visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Analisar o contexto ou o significado de conceitos sociológicos e outros nas mensagens, bem como caracterizar a influência social das mesmas.

Na etapa de *Análise dos Dados*, o pesquisador atribui significados a respeito do objeto construído por ele para ser conhecido, na medida em que vai interpretando e tecendo as tramas das compreensões acerca dos resultados e, assim também, os seus significados sócio culturais.

A fenomenologia, por sua vez, propõe uma análise reflexiva e ideográfica visando fazer as reduções eidéticas. Desta forma, o pesquisador se afasta do mundo vivido para enunciar as unidades de significado em busca de convergências que representarão a estrutura do fenômeno. Desta forma, a redução fenomenológica pode ser considerada uma substância rígida ou elementos imutáveis, nos quais, em última instância, se desdobram a variedade e a mutabilidade dos fenômenos. O fenômeno será explicado se for reduzido à sua essência, ou seja, se for reduzido à sua lei geral (Kosik, 1969).

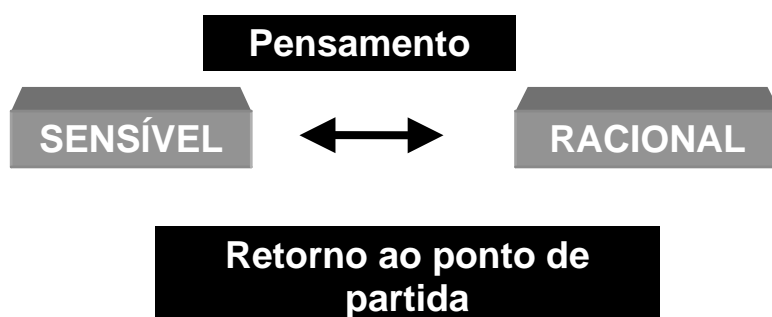
O MHD não opera na dinamização da imutável substância, mas define a substância na dinâmica do objeto: a dialética. Então, conhecer a substância não significa reduzir os fenômenos à substância dinamizada, senão conhecer as leis do movimento da *"coisa em si"* (Duarte, 2004).

A "substância" é o próprio movimento da coisa ou a coisa em movimento. Desta forma, a realidade é interpretada não mediante a redução a algo diverso de si mesmo, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos de seu movimento.

As polêmicas atribuem, teimosamente, contra o MHD, uma concepção mecanicista e metafísica da matéria, deduzida do século XVIII. *"Por que apenas o espírito e não a matéria possui a qualidade da negatividade?"* (Kosik, 1969). Assim, por exemplo, se constitui a tese de Sartre de que *"o materialismo não pode ser a filosofia da revolução"* (Sartre, 1949) e, esta decorre da concepção metafísica da matéria.

Analisar os dados segundo o MHD significa partir do vital, caótico, imediato, enfim, do concreto (o ato pedagógico em sua manifestação) e através do pensamento ascender deste concreto ao abstrato e racional. Para tanto, há de se negar imediatividade do concreto. É o pensamento que permite o acesso aos conceitos, às abstratas determinações conceituais e a ascensão à totalidade do fenômeno. Chegando a este ponto pode-se retornar ao ponto de partida, mas não à pseudoconcreticidade, e, sim à representação do todo. E desta vez, não mais ao vivo e incompreendido todo da percepção imediata, mas ao conceito ricamente articulado e compreendido conforme a Figura 1. É neste momento que não há mais separação sujeito-objeto.

FIGURA 1
Para além da pseudoconcreticidade do fenômeno educacional



Considerações finais

Neste trabalho apresenta-se uma breve discussão que busca refletir sobre o desafio de superar a lógica formal da ciência moderna nas relações educativas desta área, lógica que, em última análise, separa sujeito e objeto no processo educativo. A construção de ações mais filosóficas, mais pensadas, mais completas, permitirá que o agir pedagógico torne-se mais relacionado à realidade de sala de aula concreta.

O MHD como método de explicitação científica da realidade social educacional não significa, por conseguinte, pesquisa do núcleo terreno das configurações espirituais, nem redução da cultura a fator

econômico. O MHD não é o método da redução, antes, o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade, é o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos educacionais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico.

Sob o enfoque do MHD não basta apenas constatar como as coisas funcionam e estabelecer conexões entre fenômenos educacionais. Trata-se de compreender que vivemos numa sociedade capitalista, universalizadora do valor de troca e alienada que precisa ser superada. Dito isto, retome-se o presente, onde sob o julgo da ideologia neoliberal é cada vez mais urgente a crítica ao que se ensina em nome da apropriação do conhecimento científico, e para efetivar esta crítica defende-se a epistemologia marxiana.

Finalmente, vale considerar que o problema fundamental da teoria materialista do conhecimento consiste na relação e na possibilidade da totalidade concreta em totalidade abstrata: como conseguir que o pensamento, ao reproduzir a realidade, se mantenha a altura da totalidade concreta e não degenera a totalidade abstrata? Assim, concorda-se com Marx "*os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo*" (Marx, XI tese sobre Feuerbach, 1979, p.111).

Referências bibliográficas

- ADORNO, T.(2002): *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo, Paz e Terra.
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M.(1985): *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, trad. ALMEIDA, G.A., Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E.; ESTABLET, R.(1980): *Ler o Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v.2.
- BARDIN, L.(2002). *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.Lisboa: Edições 70.
- BORGES, M.C.; DALBERIO, O. (2007): Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, 43, p.1-10.
- CHAU, M. (2006): *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense.
- COUTINHO, M. Ecology and Environmental Science in Brazilian Higher Education: Graduate Programs, Research and Intellectual Identity In: Documentos de Trabalho, 6, 1996.
- DEMO, P. (1995): *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Atlas.
- DUARTE, N. (org.) (2004): *Crítica ao Fetichismo da Individualidade*. Campinas: Autores Associados.
- FRIGOTTO, G. (1997): O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional em: FAZENDA, I.C.A. (org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez.
- GADOTTI, M. (2001): Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez.
- GAMBOA, S.S. (1996): *Epistemologia da pesquisa em educação*. Dissertação de Mestrado. (UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas). Campinas.
- GAMBOA, S.S. (1996): *Epistemologia da pesquisa em educação*. São Paulo: Papyrus.
- GARZ, D. (1993): A perda dos paradigmas e sentido de crise na ciência da educação contemporânea: o caso da República Federal da Alemanha. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 74, 176, p. 131-184.
- GATTI, B.A. (2002): A construção da pesquisa em Educação no Brasil. Brasília: Plano.
- GATTI, B.A. (2001): Implicações e Perspectivas da Pesquisa Educacional no Brasil Contemporâneo. *Caderno de Pesquisa*, 113, p.65-81.
- GOLDSCHMIDT, V. (1970): Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. Em: *A religião de Platão*, São Paulo: Difusão Européia do Livro.

- GRAMSCI, A. (1991): *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HABERMAS, J. (1982): *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HABERMAS, J. (1987): *Dialética e hermenêutica: Para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: LP&M.
- HABERMAS, J. (2006): *Técnica e Ciência como Ideologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- HEGEL, G.W.F. (1996): *Wissenschaft der Logik*. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- HOOK, S. (1974): *La gènesis del pensamiento filosófico de Marx*. Barcelona: Barral Editores.
- KOPNIN, P. V. (1978): *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KOSIK, K. (1976): *Dialética do concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LIMA, P.G. (2001): *Tendências Paradigmáticas na Pesquisa Educacional*. Dissertação de Mestrado (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas), Campinas.
- LUCKÁCS, G. (1970): *Introdução a uma Estética Marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, K. (1989): *Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos*. Lisboa: Edições 70.
- MARX, K. (1979): *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec.
- MARX, K. (1977): *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes.
- MARX, K. (1998): *O capital: crítica da economia política*. livros I, II e III. Trad. De Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, K. ENGELS, F (1993): *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec.
- NARDI, R (org.) (2007): *A pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: alguns recortes*. São Paulo: Escrituras Editora.
- OIZERMAN, T. (1973): *Problemas de História e Filosofia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ORLANDI, E.P. (1999): *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, Campinas, Pontes.
- ORLANDI, E.P. (1988): *Discurso e Leitura*, Unicamp: Cortez.
- PASCHOAL, A.E. (2001): Metodologia da Pesquisa em Educação: Analítica e Dialética. *Revista Diálogo Educacional*, 2, 3, p.161-169.
- PEREIRA, R. B. (1995): Avaliação e pesquisa: um mesmo estatuto epistemológico em perspectiva interdisciplinar. *Proposições*, 6, 1, p.115-124.
- PIRES, M.F.C. (1997): O materialismo histórico-dialético e a Educação. *Interface – Comunic. Saúde, Educ.*, 1, 1, p.83-94.
- SANTOS, J. V. T. dos. (1991): A construção da viagem inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais. *Cadernos de sociologia*, 3, 3, p.55-88..
- SEVERINO, A. J. (1996): *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- THOMPSON, E. P. (1981): A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar.
- WALHENS A. (1959): l'idée phénoménologique d'intentionnalité em HUSSERL, E. *Et la pensée moderne*, Haia.